

ALEXIS PATTON

OS
POUCOS
nas
trevas

SECRET
SOCIETY

AVISOS DE CONTEÚDO

Confinamento

Conteúdo sexual explícito

Ideação suicida

Linguagem gráfica

Morte

Violência

Violência sexual

*Para todos os sonhadores e desajustados.
E aos que preferem dançar no escuro.*

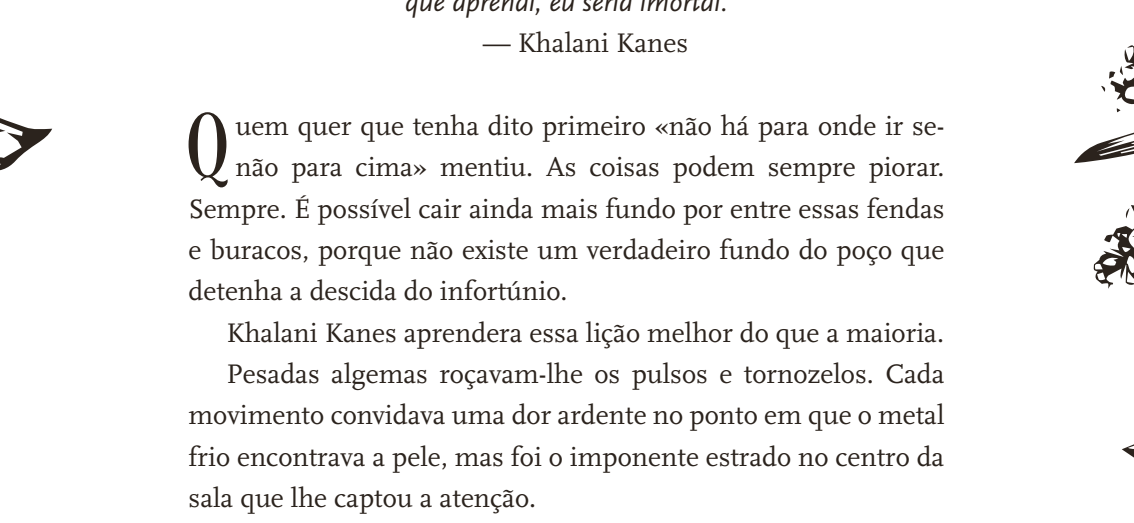




1

*Se a vida fosse medida pelas lições
que aprendi, eu seria imortal.*

— Khalani Kanes




Quem quer que tenha dito primeiro «não há para onde ir se não para cima» mentiu. As coisas podem sempre piorar. Sempre. É possível cair ainda mais fundo por entre essas fendas e buracos, porque não existe um verdadeiro fundo do poço que detenha a descida do infortúnio.

Khalani Kanes aprendera essa lição melhor do que a maioria.

Pesadas algemas roçavam-lhe os pulsos e tornozelos. Cada movimento convidava uma dor ardente no ponto em que o metal frio encontrava a pele, mas foi o imponente estrado no centro da sala que lhe captou a atenção.

A JUSTIÇA PREVALECE



O Hino de Apollo, gravado profundamente no estrado de pedra, devolvia-lhe o olhar, troçando dela com as suas falsidades. A justiça não existia no inferno surreal de Apollo. Não para aqueles que mais dela precisavam. A sua definição fora distorcida e transformada numa arma muito antes de Khalani nascer.

Um guarda gigante, com cicatrizes profundas talhadas no rosto, puxou-a bruscamente até a fazer parar no salão de sentenças.





Archotes formavam um amplo círculo ao longo das paredes. As sombras tremeluzentes, projetadas contra a rocha, tornavam o espaço ameaçador e perturbador, o que, provavelmente, era intencional.

O pavor manifestou-se dentro dela, tão intenso que quase assumiu uma forma física. Ela conseguia sentir-lhe o odor amargo, prová-lo nos lábios secos. Os pulmões dela dilataram-se, ansiosos por mais oxigénio, mas até o ar estava contaminado, uma camada espessa de arrependimento composta pelos pecados e gritos daqueles que ali morreram, onde os seus pés trémulos permaneciam cravados no chão.

Tap. Tap. Tap. Tap.

O eco de sapatos polidos atraiu-lhe o olhar.

Um homem corpulento, envolto numa túnica negra, aproximou-se do estrado de pedra. A cabeça rapada conseguia refletir a luz, mesmo na penumbra da caverna. À sua presença, os guardas enrijeceram e endireitaram-se.

O Juiz Supremo estava ali.

Ele avaliou a sala com um olhar lunático, antes de baixar os olhos para ela. Khalani sentiu o próprio corpo encolher, tentando tornar-se um alvo mais pequeno possível. Se olhares matassem, os seus membros já teriam sido esquartejados e, pedaço a pedaço, atirados para uma fogueira.

O Juiz Supremo sentou-se pacientemente, situado bem acima dela.

— Sabe o que é isto, Miss Kanes? — perguntou, com um X marcado de forma permanente na pele pálida entre as sobrancelhas, enquanto segurava um familiar livro negro.

Khalani esfregou os dedos uns nos outros quando as algemas se moveram contra os seus pulsos. As palavras recusavam-se a sair-lhe da boca, como se a língua já lhe tivesse sido torcida e arrancada.



— Isto é traição — prosseguiu o Juiz Supremo. — Traição da mais alta ordem contra Apollo. Com quem partilhou esta informação?

O olhar dela ergueu-se, incrédulo. Eles não sabiam...

Os músculos frágeis das suas costas estremeçeram e curvaram-se sob o peso da escolha. Mas não havia uma. Khalani já sabia o que tinha de fazer.

— Com ninguém. — Engoliu em seco.

— Está ciente do que Apollo costumava fazer aos mentirosos, Miss Kanes?

O corpo dela tremeu visivelmente, o coração a martelar-lhe no peito, e ele brindou-a com um sorriso enviesado.

— Deixávamo-los à superfície — sussurrou o Juiz Supremo, num tom perturbador, inclinando-se para a frente. — Os corpos queimavam sob a radiação intensa enquanto batiam às portas, implorando para entrar, à medida que se iam dissolvendo lentamente. Não tem família. Não há ninguém vivo que a ame. Ninguém pensaria duas vezes se a deixássemos fora de Genesis para arder e apodrecer. Por isso, vou perguntar uma última vez. Contou a alguém sobre este livro?

Não há ninguém vivo que a ame.

Aquelas palavras ecoaram nas paredes de pedra e cravaram-se em Khalani como facas serrilhadas, cruéis. As mãos dela cerraram-se em punhos, mas nada poderia apagar a verdade crua daquela frase.

Em tempos, Khalani acreditara que o amor era como o Sol. Invisível no subsolo. Inabalável. Um ponto brilhante num universo sombrio. Mas o amor não era como o Sol.

O amor era como a gravidade. Puxava-te e arrastava-te para as profundezas, expondo as tuas vulnerabilidades mais íntimas, rasgando barreiras, deixando-te apenas com o vazio.

Foi o amor que a fez abrir a porta naquela noite fatídica.



Há um mês, quando Douglas entrou a correr em sua casa depois do recolher obrigatório, como se um bando de ratazanas rai-vosas o estivesse a perseguir, ela não o mandou embora como qualquer pessoa sensata teria feito.

Quando as mãos dele tremeram ao revelar o livro negro e esfarrapado, que parecia ter séculos mais velho do que ela, Khalani não se foi embora. Quando ele abriu a boca e disse: «Preciso que o guardes durante uns dias», a resposta dela deveria ter sido um sonoro «Não».

Mas ela ignorou os óbvios sinais de alerta e convenceu-se de que eram apenas de um tom alaranjado escuro. Douglas era o seu único amigo em Apollo, e não importava que tivesse 69 anos nem que cheirasse a livros antigos e a uísque agüado. As amizades não precisam de fazer sentido para quem está de fora. Reparara nele pela primeira vez quando o apanhou a observá-la de forma peculiar enquanto comia sentada no chão, à porta do seu apartamento.

Durante um ano inteiro, ele passou por ali, estudando-a em silêncio enquanto ela se sentava na terra. Depois, um dia, falou de repente:

— A estrada é mais confortável do que uma cadeira?

Ela ergueu o olhar, surpreendida por o velho estar a falar com ela. Chegou mesmo a olhar por cima do ombro, não fosse haver outro estranho qualquer a comer cereais secos sobre a calçada.

— Provavelmente não. — Voltou-se de novo. — Mas o meu rabo gosta de estar mais perto do chão. Lembra-me para onde vou um dia.

— Isso é mórbido.

— Não. Apenas muda a tua perspetiva das coisas. O sítio onde se come devia ser uma zona de conforto, por isso decidi que comer no chão talvez me ajude a ficar confortável com as partes mais miseráveis da vida. Devia experimentar um dia — respondeu, regressando à sua refeição.



Khalani pensou que ele a deixaria em paz, a estranha rapariga a comer na estrada, mas ergueu as sobrancelhas quando o viu sentar-se ao seu lado, soltando um gemido ao esticar as pernas.

— Então? — perguntou ela, depois de um longo, embora confortável, silêncio.

Ele resfolegou.

— Bem, não é das sensações mais agradáveis que os meus ossos já viveram. Mas talvez tenhas razão e a mudança só chegue com a dor.

Depois daquele dia, Douglas passou a comer com ela na estrada todas as semanas. Khalani ficou a saber que ele trabalhava nos Arquivos, o edifício misterioso que guardava artefactos do Grande Colapso, mas nunca revelou pormenores sobre o seu trabalho. Não a ela. Nem sequer à família. Esse devia ter sido o primeiro aviso para se manter bem longe de tudo o que ele lhe pedisse para esconder.

Douglas insistiu que regressaria em breve para recuperar o livro.

— Fica apenas com ele durante uns dias. Por favor — implorou.

Foi a forma febril como falou que a convenceu. Ela aceitou guardar o livro temporariamente e ficou à espera que ele lhe batesse à porta. Mas isso nunca aconteceu. Só quando entrou na praça da cidade e encontrou o corpo dele pendurado nas ruas, com a palavra LADRÃO entalhada na testa, é que percebeu o que ele tinha feito.

Khalani devia ter devolvido o livro nesse momento. Se fosse esperta, talvez tivesse conseguido evitar ser assassinada também. Mas ela não era sensata nem normal.

Estava sozinha. Sozinha de uma forma que ninguém deseja. Da forma em que pensas que queres afogar-te, quando, na verdade, tudo o que queres é ser salvo.

A palavra «poesia», rabiscada na capa, não significava nada para ela. Mas, quando Khalani reuniu coragem para folhear as



páginas, percebeu rapidamente que o conteúdo não era belo, pitoresco ou delicado. Era cru. Desenfreado. Cada palavra estava impregnada de paixão e vigor, despertando uma parte dela cuja existência desconhecia.

Continuou a ler porque era a primeira vez que o seu cérebro e coração ousavam estar na mesma página. Guardou o livro para fugir. Para ser livre. Leu para se manter firme sobre a terra e bradar a sua dissidência.

Quando os guardas irromperam pela casa dela dias depois e a prenderam por um roubo que não cometera, Khalani manteve-se em silêncio. Não porque fosse uma mártir. Mas porque já não encontrava conforto em permanecer no chão.

— Fala! — A voz do Juiz Supremo estalou contra ela como um chicote, puxando Khalani de volta ao presente.

— Não contei a ninguém. — A voz firme e inabalável.

Se revelasse a verdade — que partilhara o livro com a mulher de Douglas —, o Juiz Supremo mataria a família toda deles. Ela não permitiria que isso acontecesse. Era o seu último resquício de força. A única lasca de bondade que ainda lhe restava no corpo.

Podiam ficar com o resto dos seus pedaços vazios.

O Juiz Supremo inclinou-se para a frente, estudando-lhe o rosto pálido. Apesar do terror incandescente que lhe percorria o corpo, Khalani sustentou-lhe o olhar.

O Juiz Supremo franziu o sobrolho e recostou-se.

— Não importa — declarou com calma, mas o olhar serpentino prometia castigo. — Se alguém esteve envolvido, havemos de farejá-los como a vérmina que são.

Ele chamou um guarda até ao estrado e passou-lhe o livro. O guarda atirou-o descuidadamente para dentro de um contentor metálico e começou a enchê-lo com um líquido escuro. O peito de Khalani subiu em respirações rápidas quando o cheiro áspero da gasolina invadiu o ar.



A boca do Juiz Supremo curvou-se num sorriso ao ver o pânico nos olhos dela.

— Fá-lo — ordenou.

O guarda pegou numa tocha e ateou fogo ao contentor.

Ela quis *gritar*. Libertar cada grama de dor dos pulmões desesperados. Mas nenhum suspiro, nenhum sopro lhe saiu dos lábios. As chamas vermelhas prenderam-lhe o foco enquanto o seu corpo balançava hipnoticamente de um lado para o outro. Um líquido acumulou-se-lhe nos cantos dos olhos. Khalani não sabia se se devia ao fumo ou ao próprio desespero. Tornava-se difícil distinguir o que era cima ou baixo. O que era real ou o que não era.

O fogo lambeu, estalou e rasgou uma das últimas coisas nesta Terra que ainda valia a pena salvar. E uma parte doentia e grotesca dela desejou saltar para as chamas e arder também.

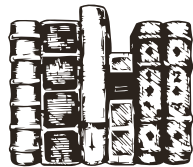
— Se dependesse de mim, todos aqueles artefactos inúteis dos Arquivos seriam destruídos — disse o Juiz Supremo, limpando as mãos. — Nada me daria mais prazer do que ver o seu corpo pendurado nas ruas, para que todos pudessem ver a traidora que é, mas o diretor da prisão contactou o tribunal. Os prisioneiros continuam a morrer, e isso é uma infelicidade para si. A morte teria sido mais rápida.

O choque serpenteou-lhe pela mente à medida que registava lentamente as palavras dele.

Não.

— O Tribunal de Apollo condena-a à prisão perpétua na Prisão de Braderhelm.

O martelo bateu na laje de pedra, selando o seu destino.





2

*Como os mortos não podem falar,
pensei em cantar para eles.*

— **M**exe-te. O guarda bruto empurrou-a com força pelas costas. Ela tropeçou para a frente, quase caindo devido aos ténis gastos que lhe deram, um número acima do seu. Queimaram-lhe a roupa e obrigaram-na a vestir um macacão fino e esfarrapado. O tecido cinzento tresandava a urina, e ela lutou contra a ânsia de vomitar enquanto o odor repugnante lhe envolvia o corpo.

Khalani foi conduzida para a Prisão de Braderhelm através de um portão gigantesco, protegido por guardas armados com o dobro do seu tamanho. Vestiam coletes negros de mangas compridas e olhavam-na com desdém impiedoso.

O ar gélido bateu-lhe na pele, o tecido fino do uniforme pouco fazia para a manter quente à medida que desciam cada vez mais para o interior da terra. Os dentes dela não paravam de tremer ao longo do que pareceu um quilómetro e meio no escuro, até o longo túnel se abrir e o guarda careca a empurrar para uma área de vários andares repleta de celas fechadas.

Ela ergueu os olhos para o teto que se estendia muito acima de si. Luzes fortes estavam fixas ao longo das paredes de pedra, luminosas e vívidas, revelando centenas de prisioneiros.



Braderhelm não separava homens de mulheres. Ambos os sexos espreitavam das celas ao som dos passos deles, e um rugido surdo começou a infiltrar-se pela imensa caverna. Os prisioneiros gritavam e batiam contra as grades.

A pressão de uma centena de olhares deslizou-lhe pelos braços magros, e Khalani desejou que um buraco se abrisse sob os pés para a engolir inteira.

O guarda ao seu lado levou a mão à arma e apontou o cano para o teto. Três disparos consecutivos ecoaram.

— Calem-se! — gritou o guarda.

O silêncio emanou das celas quando o guarda resmungou, voltando a guardar a arma no coldre. Respirações curtas e superficiais saíam do peito de Khalani. Com cautela, ela ergueu-se da posição em que estava encolhida, destapando a cabeça. Os seus olhos deslizaram para a esquerda e cruzaram-se com os de um jovem prisioneiro.

Mãos pálidas cerradas em punhos à volta das barras de aço, e os olhos pequenos dele fitavam-na com um desprezo absoluto, como se imaginasse envolver-lhe os dedos em torno da garganta e espremer cada gota de vida.

A cabeça de Khalani projetou-se para a frente, e ela apressou-se a acompanhar o guarda que a conduziu para dentro de um elevador. O interior brilhante e moderno contrastava brutalmente com a pedra da prisão. Subiram rapidamente alguns níveis antes de o elevador estremecer e parar. Ela seguiu o guarda e viu um letreiro empoeirado pendurado acima da sua cabeça.

Bloco de Celas 7.

O guarda avançou sem abrandar, enquanto os prisioneiros espreitavam das celas.

— Ela vai durar pouco.

— Dou-lhe uma semana.

— Menos do que isso.





— O tempo suficiente para usar a boca.

Alguém soltou uma gargalhada.

— Rata de Apollo.

Uma rapariga empurrou-se contra as grades e cuspiu-lhe para a cara. A saliva espessa escorreu-lhe pela face enquanto as palavras cruéis a atingiam, vindas tanto de homens como de mulheres.

Khalani tentou manter a expressão o mais desprovida de emoções possível, porque não podia dar-se ao luxo de mostrar qualquer sinal de fraqueza, não em Braderhelm.

A cada passo pesado em frente, o pavor interno e a escuridão seguiam-na de perto.

O guarda impassível parou diante de uma cela vazia e abriu as grades. Ela entrou e encontrou um catre individual sujo no chão, com o que pareciam ser manchas de vômito, e uma sanita num canto. Era tudo. Não havia janelas virtuais, apenas uma cela escura e decrepita e um odor bafiento que saturava o ar.

O guarda agarrou-lhe os braços com brutalidade e destrancou as algemas. A pele sensível parecia pior do que ela a sentia. Ou talvez o corpo já estivesse demasiado entorpecido por aquela altura para sentir fosse o que fosse.

— A chamada começa amanhã de manhã cedo. Vais ouvir o sino e ficar à porta da cela à espera de que o Capitão faça a contagem. *Não* durmas durante a chamada, ou serás punida. Quaisquer outras perguntas que tenhas, fazes ao Capitão, não a mim — disse ele, precisamente quando ela ia abrir a boca para perguntar se havia papel higiénico.

O guarda tirou do bolso um dispositivo fino e metálico. Ouviu-se um *bip* suave e a ponta assustadora, afiada como uma lâmina, acendeu-se num tom de vermelho néon.

— Estende o braço esquerdo — ordenou.

— O que é isso? — sussurrou ela. No instante seguinte, a cabeça foi-lhe atirada para o lado quando o guarda lhe deu uma



bofetada com as costas da mão. Abriu boca de choque quando ele se aproximou do seu rosto.

— Fazes o que te mandam, *quando* te mandam, prisioneira. Agora, estende o braço antes que to parta.

O peito de Khalani subia e descia em respirações rápidas. O anel dele apanhou-lhe o canto do olho com o golpe, e um fio quente de sangue escorria-lhe pela face. As mãos tremiam-lhe enquanto levantava lentamente o braço.

O guarda corpulento agarrou-lhe o cotovelo e baixou o dispositivo até ao pulso.

A pele arrepiou-se com o calor intenso à medida que a ponta se aproximava, e o pânico tomou conta de si. Num último gesto desesperado, ela tentou afastar-se, mas o guarda manteve-se firme no seu aperto.

Dor.

Foi tudo o que conseguia sentir quando ele encostou a ponta do dispositivo ao pulso dela.

Nenhuma força conseguiu travar os gritos dela. Os seus uivos ricochetearam pelas paredes, restringindo o ar à volta, implorando em vão para que a agonia cessasse. Porém ninguém respondeu aos pedidos de ajuda.

Quando finalmente o guarda parou Khalani estava rouca, e os olhos deslizaram até ao número 317, gravado a ferro quente na sua pele.

— Já não és a Khalani Kanes. A Khalani Kanes desapareceu no instante em que entraste pelas nossas paredes. Ela deixou de existir. Agora és a Prisioneira 317. Obedece às ordens que te forem dadas ou serás punida.

Meramente um número. Nada mais do que gado geneticamente criado. O guarda bruto saiu, batendo as grades com um estrondo que ecoou, deixando apenas o som da respiração dela na cela gelada. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto com tal



abundância que, em breve, a própria face poderia esquecer-se como era não chorar.

Seria isso possível?

As suas costas curvaram-se enquanto a calamidade e o infortúnio a saudavam e lhe acariciavam o corpo como velhos amigos. Beijaram-lhe o rosto e conduziram o rasto húmido das lágrimas pela pele frágil.

Tiraram-lhe tudo. Até o nome.

Deslizou para o chão. Estava frio. Duro. A única coisa que era... real. Tudo o resto não passava de um sonho. Um pesadelo do qual não podia escapar. Lentamente, mexeu no bolso das calças e agarrou o único objeto pessoal que a tinham deixado trazer. Uma fotografia dos pais.

Tinha o cabelo longo e escuro como a mãe e os olhos verdes do pai. Estava sentada nos ombros do pai, e a fotografia foi tirada no instante em que todos se riam. Fora tirada no dia antes de Genesis se tornar habitável, uma semana antes da morte deles.

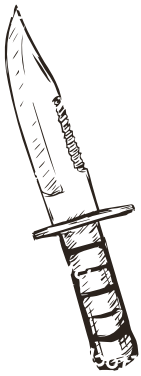
Quando a enorme cúpula que protegia a última cidade na superfície da radiação letal foi concluída, muitos celebraram a impressionante façanha da engenharia humana. Até que os corpos regressaram. O conselho de Apollo forçara os prisioneiros de Braderhelm a construir a cúpula em torno de Genesis, e todos eles morreram envenenados pela radiação. Os corpos inertes foram transportados pelas ruas até à enfermaria.

Ela ainda se lembrava do cheiro.

O odor de pele queimada — como se tivesse sido derretida num caldeirão — fazia homens adultos caírem de joelhos, em choque.

Manifestantes reuniram-se na Praça de Apollo, gritando o seu desacordo com o conselho, mas foram rapidamente derrotados pelas forças armadas. Corpos jaziam abandonados nas ruas, incluindo os dos pais, brutalmente assassinados pelo regime de Apollo.





Khalani tinha apenas oito anos.

Ela não comeu durante uma semana.

Sentava-se à porta de casa, à espera de que os pais surgissem a qualquer momento para a envolver num abraço quentes. Um vizinho preocupado foi ver como ela estava e encontrou uma menina minúscula, emagrecida, caída no chão, ainda a olhar fixamente para a entrada.

À espera. Esperançosa.

Porque não compreendia o conceito de acordar e eles não estarem lá. Sem beijos, sem lembretes para arrumar o quarto, sem alguém a limpar-lhe as lágrimas quando tinha medo, sem cuidados quando estava doente, sem um adeus.

Os pais nunca regressaram para ela, e nunca regressariam. Às vezes, ela odiava-os por isso.

Mas talvez seja impossível odiar alguém sem amá-lo.

Pelo canto do olho, uma barata gigante surgiu de um minúsculo buraco na parede de pedra. A criatura mexia as antenas e avançava pelo chão. Khalani franziu a testa quando a barata contornou um pedaço de giz preto, metade do tamanho do dedo mindinho dela.

Passaram-se horas antes de ela se mover. Devagar, como se o seu corpo pesasse uma tonelada, Khalani estendeu-se e pegou no giz. Os olhos ergueram-se para as paredes rochosas da cela, marcadas por traços negros por toda a parte.

Não precisava de contar todos os traços para saber que quem ocupou a cela antes dela não durou muito. Khalani apertou o giz com mais força. Ela também podia deixar algo para trás. O mais ténue vestígio de vida, para que o próximo prisioneiro soubesse que ela outrora existiu.

Khalani olhou para os pais mais uma vez antes de virar a fotografia no chão de pedra. Talvez a poesia nunca tenha sido destinada a ser calamitosa. Tragédias tão devastadoras não deveriam



ser trazidas à existência, mas essa era a sua verdade. Sem um nome, a única coisa que lhe restava era a própria voz.

Os dedos trémulos deslizaram pelo espaço vazio enquanto ela expunha a alma a ninguém.

Lembras-te

Não lembras?

Os leves sussurros na escuridão

Quando a esperança na vida

Não estava feita para se desfazer

Sente-lo

Não sentes?

As reverberações interiores

O colapso dos desejos mortos

Os sonhos adiados antes mesmo de começarem

Ouve-lo

Não ouves?

Aquele silêncio mais uma vez

Mais alto do que os gritos

Corações a morrer como o meu morreu outrora

Percebes

Não percebes?

A perda começa com o teu primeiro suspiro

Ou aceitas a derrota com os olhos manchados

Ou sorris quando te deparares com a morte





3

*O vazio tem a fragilidade das penas e
suporta o peso das montanhas.*

Um alarme agudo ressoou por toda a prisão, e Khalani sentou-se de imediato. Não tinha dormido. Chegou ao ponto em que, depois de não haver mais lágrimas para derramar, o rosto dela finalmente secou. Desprovida de emoção e energia, passou a noite inteira deitada no chão, a observar cenas da sua antiga vida projetarem-se nas fissuras de pedra do teto.

Esfregando os olhos inchados de cansaço, viu as grades de aço a deslizar, abrindo-se.

— Chamada! — gritou uma voz masculina e profunda.

Passos de outros prisioneiros a sair das celas chegaram até ela. Lembrando-se das palavras do guarda de ontem, Khalani levantou-se de um salto e saiu da cela com passos hesitantes. As luzes intensas eram ofuscantes, e ela ergueu a mão para proteger os olhos.

— *Psstt*, ei!

Virou-se para a esquerda. Uma prisioneira baixa, com cabelo azul trançado e pele de marfim, observava-a.

— Precisas de ficar aí. — A rapariga apontou para uma faixa amarela no chão. — Sensor de movimento.

Khalani arrastou-se rapidamente para a linha.



— Obrigada — sussurrou, mas a estranha rapidamente se voltou para a frente, sem lhe dar mais atenção

Khalani manteve um pé sobre a linha amarela e espreitou por cima do corrimão de metal. Uma multidão de prisioneiros estava rígida em cada piso. Do outro lado do bloco, um guarda vestido todo de preto percorria cada prisioneiro, inspecionando-os. Não lhe conseguia ver a cara, mas o corpo brutalmente musculado era evidente, como se pudesse partir o pescoço dela com um só movimento.

O coração de Khalani trovejou-lhe no peito. E se a atribuísem à superfície? Nenhum prisioneiro era enviado para a superfície. Pelo menos não nos últimos dez anos. Porém circulavam rumores sobre planos para expandir a cúpula de Genesis. Khalani rezou para que não estivesse viva quando esse dia chegasse. Havia poucas mortes mais dolorosas do que a doença provocada pela radiação.

Ela balançava para frente e para trás, esfregando os dedos nas mangas do uniforme. O som de passos pesados a ranger contra o metal fizeram-na enrijecer. Manteve o olhar fixo à frente quando o corpo imponente do guarda entrou no seu campo de visão.

Tinha mais de um metro e oitenta de altura. O colete preto de mangas compridas esticava-se sobre o corpo largo e musculado, como se tivesse sido esculpido em pedra. Ele segurava um dispositivo elétrico, marcando cada prisioneiro à medida que passava. O guarda parou diante dela, e Khalani encontrou uma pontinha de coragem para erguer a cabeça.

Os olhos dele eram da cor da meia-noite.

Ela não sabia que olhos podiam ser tão negros, como se a pupila tivesse sangrado para toda a íris. Assumira que todos os guardas rapavam a cabeça, mas finos fios de cabelo negro como azeviche cobriam-lhe a testa. O guarda imponente parecia ser apenas alguns anos mais velho do que ela, com a pele lisa e dourada e pestanas espessas a emoldurar aqueles olhos que tudo



consumiam. Porém, quando os olhos deles se cruzaram, Khalani ficou tensa perante a agressividade que eles emanavam.

A linha angulosa do maxilar dele contraiu-se enquanto o olhar frio percorria o seu traje de cima a baixo, repulsa a transbordar dele à medida que o cheiro pútrido do macacão dela saturava o ar.

— Nojento — murmurou com aversão, marcando o dispositivo elétrico.

A boca de Khalani torceu-se e o olhar desceu até ao emblema prateado e estreito por baixo do ombro esquerdo dele. *Capitão*.

— Olhos em frente, Kanes — ordenou, sem levantar o olhar do dispositivo.

Ela virou-se num instante.

Mal lhe ocorreu que ele não a tinha tratado por Prisioneira 317. Não que fosse necessário. A marca sob a pele ardia mais do que quaisquer palavras ou títulos alguma vez poderiam arder.

— Todos para os vossos postos! — gritou o guarda, e os prisioneiros do seu bloco começaram a mover-se. Os olhos dela percorreram o espaço, frenéticos.

Para onde raio deveria ela ir?

— Ouve com atenção.



Ela sentiu os músculos contraírem-se ao tom sombrio. Moveu-se ligeiramente, e o guarda aproximou-se. Demasiado. O corpo dele eclipsava completamente o dela, dominando o espaço, quase sufocando o ar à sua volta.

— A tua casa é agora o Bloco de Celas 7. Estás a enfrentar as consequências dos teus atos e, se não queres que a tua vida aqui seja um inferno constante, fazes tudo o que eu disser. Percebeste?

— Ele observava-a atentamente, uma sombra ameaçadora a passar-lhe pelo olhar, fixo nela como um laser.

Nenhuma arma estava visível.

Por alguma razão, isso era ainda mais assustador. A sua energia estoica e distante, por si só, fazia-a querer regressar à cela.



— S-Sim. — Ela aclarou a garganta, forçando o terror a recuar para conseguir funcionar como deve ser.

— Vais apresentar-te à Marcela nos túneis da extremidade norte todas as manhãs. Trabalhas lá durante meio dia e depois segues para o refeitório com os outros prisioneiros. Esta será a única refeição do dia. Nada de vaguear. Depois disso, apresentas-te ao George na Ala Sul A. Ele dar-te-á a tarefa da tarde.

Ela assentiu para si mesma, murmurando as palavras, tentando memorizar tudo o que ele dizia. Um pequeno peso levantou-se-lhe do peito.

Não fora designada para trabalhar na cúpula.

Ainda, pelo menos.

— Após o turno da tarde — continuou ele, irritado — tens uma hora de pausa no fosso. Depois regressas à tua cela para a chamada noturna. Se chegares atrasada, eu saberei, e não vais gostar da punição. — As sobranceiras dele baixaram de uma forma inquietante, do género «como crianças pequenas ao pequeno-almoço».

— Está claro, Kanes?

— Sim — conseguiu ela dizer, mantendo a voz firme.

— Ótimo. Não há absolutamente nenhuma luta com outros prisioneiros. Se tiveres um problema com outro recluso, resolve-o no fosso. Não venhas ter comigo com problemas, porque não tenho tempo para lidar com as tuas questões pessoais.

Ela franziu o sobrolho, prestes a perguntar o que era o fosso, mas ele continuou:

— Recebes uma ficha de duche duas vezes por semana, se tiveres um bom desempenho nas tuas tarefas. Se falhares, o teu fedor não será a única coisa a impregnar esta prisão. — O nariz dele enrugou-se. — Não esperes simpatia ou pena, porque não as vais ter. Nem de mim nem de mais ninguém aqui em baixo. Estamos entendidos?



Os traços angulosos do guarda contorceram-se em desprezo, como se ela não passasse de um inseto repugnante para o qual ele pagaria bilhete de primeira fila só para ver ser esmagado.

Certa vez, Douglas falara-lhe das cinco fases do luto: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação. As primeiras quatro eram fáceis de compreender. A aceitação era a que sempre lhe escapava. Era inútil, como tentar agarrar o ar com as próprias mãos.

Os insultos mal disfarçados do Capitão e o seu olhar cruel afundaram-se na pele dela como uma lâmina romba. Torcendo e retorcendo. Rompendo as frágeis barreiras do seu autocontrole.

— Claríssimo — respondeu ela, impassível.

Ele podia ser a última pessoa viva, que ela preferia desenterrar campas e pedir empatia a esqueletos.

Estreitou os olhos e inclinou-se para a frente, ficando a um palmo de distância.

— Se achas que eu tolero qualquer tipo de atitude, estás gravemente enganada. Se quebrares uma única destas regras, *vou* fazer com que sofras. — A ameaça saiu lenta, pouco mais do que um sussurro.

Arrepios subiram-lhe pela nuca, mas ela assentiu devagar, mais confortável com ameaças veladas do que com mentiras de sobrevivência. Aquela figura imponente manteve-se tensa, a estudá-la, enquanto o aviso pairava no ar estático.

— Vamos.

Ele voltou-se.

Khalani teve dificuldade em acompanhá-lo enquanto as pernas longas do guarda rasgavam o passadiço, sem sequer confirmar se esta o seguia. Porque ele sabia que ela não tinha para onde ir.

Conduziu-a até ao elevador, e desceram lentamente, passando pelas celas dos prisioneiros. Manteve-se o mais longe possível



dele, mas a presença dominante do Capitão fazia o elevador parecer exíguo. Ao contrário dos outros guardas, ele não levava uma espingarda ao ombro. As armas estariam, sem dúvida, escondidas sob o colete que trazia vestido, mas ele movia-se com uma confiança silenciosa. Como se não precisasse de arma nenhuma.

Caminharam em silêncio pelos túneis sombrios. A única fonte de luz vinha de fios cimentados no teto, que emitiam um brilho branco. As pernas dela aceleraram para acompanhar o passo rápido do homem, mas Khalani aproveitou o percurso pelas cavernas do complexo para estudar o inimigo.

Apesar do tamanho imenso, o guarda movia-se com graça, examinando cada recanto com um olhar calculista. A pele quente e rica era uma raridade entre a maioria dos que viviam no subsolo. Mas os traços sombrios do Capitão e os olhos semicerrados apenas reforçavam o seu ar severo. Khalani era de ascendência hispânica, mas as raízes daquele guarda pareciam ligadas ao Leste Asiático e, em qualquer outro homem, o nariz afilado, as maçãs do rosto angulosas e o maxilar pronunciado tê-lo-iam tornado bonito.

Este guarda não era bonito, nem sequer atraente. Esses termos eram demasiado modestos.

Ele era um desastre do qual não se conseguia desviar o olhar. A calma inerte enquanto se está à beira da morte.

— Há alguma razão para estares a olhar?

— Não. — Ela virou a cabeça de imediato. Visão periférica assustadoramente boa, anotado.

— O túnel da extremidade norte é por ali. — O guarda apontou para o corredor decrepito. — Alguma pergunta? Agora é a única oportunidade — avisou.

— Tens nome? — Referir-se a ele como «homem assustador, rígido e musculado» para o resto da sua curta vida não lhe parecia apelativo.





— Sou o Capitão de Braderhelm.

— Não dão nomes aos capitães?

— É tudo o que precisas de saber. Não viverás o suficiente para dar uso a nomes. — As palavras duras ficaram suspensas no espaço vazio.

O sangue subiu-lhe ao rosto, e a emoção sobrepôs-se rapidamente à lógica.

— Suponho que aqui em baixo os humanos tenham números e só os monstros tenham nomes. Lapso meu.

Ela afastou-se, mas dedos rígidos agarraram-lhe o braço, mesmo sobre a marca sensível. O Capitão franziu as sobrancelhas enquanto aplicava uma pressão mordaz sobre a ferida ainda por sarar. Ela estremeceu visivelmente, mas ele não cedeu. Os traços da cara dele torceram-se em algo vil.

Instável.

Como se cada camada sob a pele tivesse sido rasgada e talhada pela violência, e ele segurasse as rédeas do controlo apenas por um fio.

— Diz-me lá isso outra vez. — O Capitão inclinou a cabeça. Torceu-lhe o pulso, e ela arfou com a dor aguda.

O queixo de Khalani tremeu enquanto fitava os olhos sombrios. A energia perturbadora do guarda despertou todos os instintos de fuga, a gritar-lhe para que *corresse*.

— Não tens nada a dizer agora? — O olhar dele estreitou-se, percorrendo o pequeno corpo à sua frente. — A única razão pela qual não te parto o pulso é porque vais precisar dele para o próximo turno, e não tenho paciência para os teus gritos patéticos. A menos que estejas preparada para as consequências, mantém essa boquinha esperta fechada, ou garanto-te que um osso partido será o menor dos teus problemas.

O Capitão afrouxou o aperto doloroso. Ela segurou a mão, fazendo uma careta, mas ele não lhe deu oportunidade de falar.



— Se há uma coisa que tens de aprender, Kanes, é esta: Braderhelm não perdoa e ninguém se importa com os teus problemas. Entra na linha ou morrerás de forma dolorosa.

— Porque não me matas já? — sussurrou ela, rouca.

O olhar gélido do Capitão cravou-se nela como uma lâmina, e baixou a cabeça até os narizes de ambos ficarem a um sopro de distância.

— Boa tentativa — retorquiu ele. — Espero que consigas completar alguns turnos de trabalho antes de morreres. Mas continua assim, e realizo-te o desejo. Agora, sai-me da frente.

O ar gélido entre eles parecia magnetizado. Os dedos dela estremeeceram, suspensos no limite da rebeldia, porém Khalani virou-se e afastou-se apressadamente antes de ceder a esses instintos fatais.

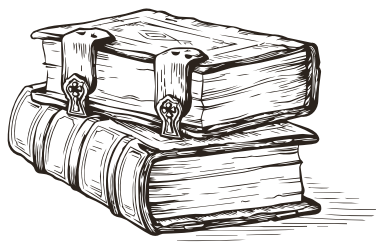
Após alguns passos, ousou olhar para trás, mas ele já tinha desaparecido, deixando apenas uma sensação persistente de perigo. Forçou-se a expirar, passando uma mão trémula pelo cabelo.


Havia algo naquele Capitão que fazia com que os seus pelos se eriçassem, mas que também a atraía para uma colisão frontal. As partes mais sombrias de si própria gostavam de brincar com a morte. Não se importava de jogar jogos perigosos e ganhar prémios ainda mais mortais.

Na verdade, ansiava por isso.

Porque tinha de acabar. De uma forma ou de outra.

Ela precisava que tudo acabasse.





O único lugar onde a liberdade
existia era em sonhos.
E na morte.

Khalani nunca esteve na superfície da Terra. Na cidade subterrânea onde vive, a fé e os sonhos são tão inexistentes como o Sol. Quando é condenada a prisão perpétua, por um crime que não cometeu, o sonho de ser livre é-lhe roubado.

Rodeada de assassinos e guardas impiedosos, a sobrevivência na prisão é uma batalha constante. Mas a verdadeira ameaça é Takeshi, o enigmático e implacável capitão do seu bloco.

Khalani terá de enfrentar
segredos e armadilhas obscuras,
se não quer que a prisão
se torne no seu túmulo.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-519-9



9 789895 895199

